



POR ENTRE MACHOS, COLÍRIOS, VÍDEOS, SEXO, MÚSICAS E REVISTAS: A PORNOGRAFIA GAY E UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA HOMOSSEXUAL

Thiago Ranniery Moreira de Oliveira¹

Resumo: Este trabalho trata do estatuto do pornográfico em blogs gays e as possibilidades de uma estética da existência homossexual como resposta ao regime sexopolítico de regulação heteronormativa. O argumento desenvolvido, ao longo deste trabalho, é que o pornô gay da blogosfera, ao conjugar a escrita de si com uma profusão imagética de corpos e atos sexuais, torna possível compor um mapa de novas formas de vida e novas experiências sexuais constituídas no cyberspaço, moldam e abrem possibilidades de inscrição de uma estética da existência para a vida homoafetiva. Uma estética, por sua vez, articulada em torno de uma fabulação constante dos encontros homoafetivos que ganha corpo nas imagens sexuais, de uma temporalidade específica marcada pela fugacidade e na vivência da solidão de uma escrita masturbatória.

Palavras-chave: blogs, pornografia, subjetização

*Este blog é destinado aos homens maiores, capazes, conscientes, safados, e claro... loucos por sexo!*² Sim, é preciso começar com um alerta: não prossiga se for menor de idade! Estar por entre *machos, sexo, colírios, vídeos on line, arquivo G, famosos, amadores, flagras, festas gays, gogoboy, bundas, “de pau duro”*³, *contos eróticos, twink, e desejos*⁴, exige mesmo um certo fôlego. *Se você é como eu, “putaria” em primeiro lugar, seja bem-vindo!*⁵ Vamos, aqui, nos divertir com a obscuridade deste nosso objeto e com o tortuoso propósito de seu discurso: pode a pornografia gay sustentar uma estética da existência homossexual? Pode o ato pornográfico gay atualizar a potência de uma vida? Pode um arte de existir gay erguer-se sobre o sexo homossexual?

¹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Membro Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (FaE/UFMG) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais (DBI/UFS), tranniery@yahoo.com.br.

² Disponível em: <http://volupiaoblog.blogspot.com/#ixzz1IR11wO22>. Acesso em agos de 2010.

³ Preferimos, aqui, manter alguns termos tais como utilizados nos blogs.

⁴ Slogan de propaganda do blog Aquarium Gay. Os nomes aí descrevem as principais sessões dos blogs investigados.

⁵ Disponível em: <http://volupiaoblog.blogspot.com/#ixzz1IR11wO22>. Acesso em maio de 2010.

A alguns, é claro, a pornografia gay soará como um escape frívolo ou mesmo sem necessidade quando a forjada comunidade LGBT enfrenta os dilemas políticos da legalização dos direitos civis ou a ameaça mortífera da homofobia, quando não que a primeira pode manchar a honra do adjetivo que lhe acompanha. O ardiloso lugar da pornografia gay tem mesmo lhe dado pouco, ou quase nenhum, destaque quando falamos de espaços de circulação homossexual. Mas, a pornografia está aí, esse universo das delícias eróticas circula por toda parte, nas boates, nos clubes, nos cinemas, nas saunas, nos bares, e, porque não, no Orkut, no MSN, nos blogs, nas redes sociais. Sem dúvida, a Internet conferiu a indústria pornográfica maior visibilidade, acessibilidade e difusão (CICLITIRI, 2004) de um modo talvez nunca antes imaginado por Marquês Sade ou Sacher Masoch, acostumados com a já marginalidade literária.

Atolada em uma arquitetura monolítica, a própria coisa pornográfica tornou-se o emblema máximo da cultura do lixo, comercial e ofensiva, por oposição à cultura erudita e do bom gosto (DYER, 1992). O termo pornográfico teria extrapolado, claramente, o tom de todos os discursos sobre perversão em nossas sociedades (OGIEN, 2007). Nascida da fornicção do discurso obsceno sob o viés da cultura de massas (LEITE, 2009), a indústria sexual teria feito do sexo produto de entretenimento e, nem quando, se trata daquilo que fazemos entre quatro paredes, ou onde cada um nós preferir, não estamos livre do mercado. Talvez, não estejamos mesmo. O “Império Sexual” (PRECIADO, 2004) fez dos discursos sobre o sexo um agente de controle da vida, a ação biopolítica do capitalismo fez, para lembrarmos Michael Foucault (2008), do sexo seu objeto predileto de investimento para regulação dos corpos. Alimentados ora por sexo e ora por drogas, ora por uma combinação alucinante entre as duas coisas, aquilo que Beatriz Preciado (2008) chamou de regime farmacopornográfico, vivemos presos em uma clausura sexual a céu aberto.

A própria determinação da coisa pornográfica sob a insígnia da suspeita traz consigo o nosso complexo jogo cultural moderno que classificou, hierarquizou e qualificou os comportamentos sexuais segundo um binarismo de vilões e mocinhos em um conto de fadas (RUBIN, 1998). A pornografia gay, ou mesmo qualquer tipo pornográfico será, aí, culpada até que prove sua inocência: culpada pela massificação, culpada pela normalização, culpada pela opressão, culpada pela distorção. Como um esperma que demora a sair entre os pêlos, deixando a marca do sexo que a pouco acontecia, esse impertinente regime sexopolítico que coloca nossos olhos e corpos sobre a pornografia não deixa de soar como uma regulação heteronormativa de práticas

sexuais, sentimentos, amores, corpos, processos identitários de homossexuais masculinos, todo um processo de normalização da sexualidade (FOUCAULT, 1999a; 1999b) na cama da vida.

Mas se hoje, mais do que nunca, vivemos uma sexualização da cultura (ATTWOOD, 2006) ou pornografização da cultura *mainstream* (MCNAIR, 1996), onde está o sexo gay? Quando somos incitados por todos os jeitos e trejeitos a uma cultura sexual, porque o sexo gay desaparece da cama social? Não seria ele, a imagem de um ato sexual interdito pela cultura? A pornografia gay não traria isso à tona? Quanto retirada de baixo da cama, onde costumamos esconder a pornografia barata que não merece vir à tona, e jogada sobre colchão, o que pode, então, o ato sexual gay? Ainda que certamente a pornografia promova o reforço das figuras dominantes de gênero e da sexualidade, não deixa de progressivamente abrir caminho a novas possibilidades de existir (PINTO, 2010). É, aí, que vamos nos agarrar um pouco: nas artes de existir homossexual que a pornografia gay pode sustentar quando se torna tema de *blogs gays*, aquilo que, certa vez, Michael Foucault (2006) chamou de *estética da existência*.

Um estilo de existir refere-se, sobretudo, as práticas pelas quais os homens buscam transformar-se e modificar seu ser singular, fazer de si e do mundo uma invenção, ou melhor, uma fabulação, como preferiria Deleuze (1999). A pornografia homoerótica não deixa de compor toda uma partitura sexual de potencialidades para uma estilística da existência gay, esta sim, capaz de promover embaraços e rubores com seu “efeito obscuro” (MORAES, 2007) manchando laços e lençóis da cama social. Proponho, aqui, acompanharmos um mapa de blogs pornô gays⁶, arrancando linhas e movimentos, blocos de sensações e afectos sexuais que possam servir de laboratórios de experimentação para novas formas de se relacionar, de praticar o sexo, de usar os corpos e os prazeres, de fabular linhas de fuga desejantes e criadoras de rotas de escape ante as formas dominantes e regulares da paisagem fria e cinzenta do papai e mamãe de todo o dia.

Mas como cartografar os acontecimentos de espaços situados na Internet? Sem dúvida, os espaços cibernéticos apresentam instigantes possibilidades de investigação as Ciências Sociais (GUIMARÃES, 2004). Nosso trabalho de campo, de modo até obvio, se deu justamente conectando-se à Internet por intermédio de um computador no conforto de nossos aposentos⁷ (GUIMARÃES, 2000). Embora não possamos dizer que

⁶ Para uma caracterização ampla da blogsfera gay no Brasil, cf. Martins; Malini (2009).

⁷ Embora quase sempre o horário de atualização dos blogs seja durante a madrugada. Os blogs também não exigem cadastramento de usuário ou atividade similar. Para acessá-los, bastar

nosso deslocamento se deu de modo necessariamente físico, estamos mais envolvidos em nos deslocarmos por territórios de sentidos e significações (HINE, 2004). Nosso corpus de pesquisa foi obtido, assim, através de uma longa e sistemática rede de acesso aos blogs, em pelo menos uma vez ao dia durante um ano, com as informações anotadas em um caderno de campo.

A “transa” como relato na era do “fast-foda”

Vamos convocar, aqui, a experiência de quatro *blogs*⁸ de pornografia gay, De Olho na Mala⁹, Max e Gatos¹⁰, Volúpia¹¹ e Aquarium Gay¹², e jogarmos com alguns de seus personagens. A plorifereção dos blogs, gays ou não, pornográficos ou não, parece compor toda uma torção quase sadomasoquista que tem revelado a emergência de novos modos de ser e existir à esteira das cartografadas por Paula Sibilia (2004) diante da paisagem das tecnologias digitais dispostos a denunciar que, pelo menos em termos sexuais, que jamais fomos modernos. Mas se em tempos de modernidade sexual, a formação de uma cultura pornográfica se deu na e pela a literatura, hoje, os roteiros sexuais pornográficos, pelo menos, dos blogs investigados são, sobretudo, uma composição de imagens – fotografias e vídeos disponíveis para *download* em pelo mesmo um *post*¹³ por dia e, mesmo quando falam por músicas ou contos eróticos¹⁴, os blogs falam por imagens de sexo.

Quando os blogs tornarem-se espaços privilegiados da vida como relato na era do fast-foward, espécie de inscrição para os vestígios de uma velha Roma destruída (SIBILIA, 2005), nos blogs pornô gays, atos sexuais puros são, agora, agenciados em

acessar em um clique o link indicador a maioridade legal que permite o acesso ao material pornográfico.

⁸ O blog Aquarium Gay, tomado como o maior portal de pornografia gay livre, realiza todo um ano um concurso por eleição popular pelos internautas dos melhores sites e blogs de pornografia gay. O AGA, Aquarium Gay Awards tornou-se famoso na blogosfera gay. Os outros três blogs foram selecionados com base nas premiações da categoria Melhor Blog e Melhor Blog Revelação nos últimos dois anos do concurso. Todos os blogs são atualizados por seus donos regularmente.

⁹ Disponível em: <http://www.deolhonamala.com>.

¹⁰ Disponível em: <http://www.blogmaxegatos.com>.

¹¹ Disponível em: <http://volupiaoblog.blogspot.com>.

¹² Disponível em <http://aquarium.net.com>.

¹³ Os *post*, as atualizações dos blogs, são compostos por pacote de arquivos de fotos pornográficas de um modelo ou mais modelos, por pacote de fotos de atos sexuais entre os modelos ou ainda vídeos pornô gays disponíveis para serem assistidos nos próprios blogs. Em todos os casos, o *download* é opcional.

¹⁴ Todos os blogs dedicam também sessões semanais de postagem específicas para contos eróticos e compartilhamento de músicas e vídeos não-pornográficos.

relatos imagéticos na era da *fast-foda*, à medida que a cada nova postagem um *download* de novas possibilidades sexuais está disponível em pacotes de imagens. A cada novo *post* uma chamada em tons de cinema, uma pequena narrativa em tom de contos. Soma-se aí trilha sonora, fantasias e adereços sempre quando necessários. Se concordarmos que alicerçados na estetização promovida pelos materiais da arte e da literatura, os homossexuais investiram em uma poética da vida ordinária que conjugasse as potências advindas das imagens (MENDONÇA, 2010), o que parece está em jogo nos blogs não seria, então, uma poética do sexo gay advinda das imagens pornô? Os roteiros sexuais que se estabelecem compõe uma espécie de cosmorama de imagens. Seus relatos fabulatórios deslizam pela superfície das imagens pornô, apostando na idéia de que essas imagens co-criam mundos sem equivalentes, embaralhando as cartas de supostas determinações.

Isso aconteceu mesmo? Isso pode acontecer comigo ou com você? Posso eu ou você ir com um homem desses para a cama? Não importa! Mesmo que seja impossível dizer que tais atos nunca aconteceram ou acontecerão de fato, também será difícil dizer que não são reais ou que não ganham realidade. O arquivo de imagens sexuais dissolve qualquer distinção entre verdadeiro e falso, é puro agenciamento de fabulações (DELEUZE, 2005), pois o tempo vivido é tempos dos homens, é o tempo narrado e para construí-lo é preciso palavras (RICOUER, 1994) e, hoje, mais do que nunca, imagens. É só experimentarmos sairmos do jogo das imagens representacionais do pornográfico, fixadoras de conhecimento e pensamento, além de também sair do jogo preso ao tempo cronológico da linearidade temporal. Por mais que estejam presas aos clichês da masculinidade hegemônica; afinal, seja de que forma for, os homossexuais não contam com fragmentos de discursos amorosos e sexuais, parafraseando Roland Barthes (2003), que lhes digam respeito, as imagens estão sempre perfurando os clichês (DELEUZE, 1990). Por mais que condicionem a esquematismos sensoriais, são pelas imagens que se podem oferecer linhas de fuga de subjetividades desejosas da criação de outro mundo imaginal, onde a pregnância das imagens oferece a renovação dos sentidos do sexo e deixa à nu a erótica aglutinadora de seus corpos.

E por que não falar de um ambiente fabulado pelos movimentos imagéticos do mundo pornô gay? Porque que não falar de uma estilística da existência no qual a fabulação sexual é seu dispositivo agenciador? É, bem verdade, que existe toda uma tradição inventada que põe a pornografia como impelindo “a soltar a imaginação”, aqui “o verbo nunca se fez carne” (FREIRE, 2000, p. 70), suas imagens tão explícitas e

diretas agiriam sem rodeios ou mediações. Argumentação que não deixa de evocar uma cultura mentalista em detrimento do sensível e do corporal, esta por si só, já heteronormativa. Na contramão, nos blogs pornô gays, “a função fabuladora dos pobres” (DELEUZE, 2005) e dos podres se põe a ficcionar sobre sexo explícito e, assim, contribuir para a invenção de um povo por vir, de uma memória do futuro. A composição pornográfica gay põe aí em jogo “uma potência do falso” (DELEUZE, 2005) que substitui e destrona a forma do absolutamente verdadeiro, do essencialmente autêntico, para afirmar presentes sexuais impossíveis ou a coexistência de passados não necessariamente verdadeiros. Opera com uma espécie de lógica do jogo, um *post pornô* é um conjunto jogos de linguagem e jogos de imagens, onde o aleatório, as justaposições, as convivências, as misturas, as coalescências que são, muitas vezes, interditas na vida diária, podem vir a ocorrer.

Hoje, com um bombeiro, amanhã com um soldado, ontem, um surfista, um dia qualquer com meu vizinho. Ao contrário de uma certa tendência à rotina e à monotonia que devastavam, em pouco tempo, as relações sexuais dos casais heterossexuais, os homossexuais teriam construído uma cultura sexual cada vez mais variada e sofisticada, da qual os blogs pornô não só incitam como parecem fazer parte. Não só em termos de novas posições sexuais, novos lugares e novos atores¹⁵ que, mas também em termos de novas narrativas agenciadoras de novas possibilidades. Aqui, o ato sexual dá espaço à experimentação imagética, um espaço de experiência de novas possibilidades de uso do corpo e do sexo, para aqueles que possuem pouco ou nenhum horizonte de expectativa (FOUCAULT, 2004a). Como lugar de encontros sexuais entre homossexuais, os blogs pornô gays tornam-se laboratórios de experimentação de novos usos dos prazeres, de novas formas de existência (FOUCAULT, 2004b). Quando nossa limitante educação sexual torna parco o repertório de práticas sexuais, a mediação dos blogs gays sobre indústria pornográfica estimula e fabrica esta busca por novidades no campo das práticas sexuais homoeróticas: o sexo oral, o coito, o anal, o cunilingus, a podolatria, o travestismo, o banho prateado e dourado, o sadomasoquismo, etc. É na imagética pornô dos blogs que os homossexuais vão tornar extensivo, uma vivência que é deveras intensiva e intensa, emocionalmente e fisicamente falando.

A própria fornicção da tecnologia com o sexo em um regime epistemológico visual, nos obriga a pensar que os corpos têm a potência de se reinventar muito além das

¹⁵ Alguns *porn stars*, como são chamados os atores pornô que galgaram fama nacional e internacional, tem sessões temáticas regulares nos blogs. Para uma análise dos *porn stars* da pornografia gay, cf. Reges (2004).

territorializações impostas pelo sistema heteronormativo (MORTON, 2002). A questão, a saber, é que como os filhos de uma noite de orgia bioinformatizada entre a *World Wide Web* e a pornografia, ou aquilo que a teoria feminista chamou certa vez de cyborgs (HARAWAY, 1991), tais configurações são extremamente infiéis aos seus pais. Quando diante o dispositivo da sexualidade, em seu conjunto de saberes, regras, códigos, prescrições, instituições, que vieram fabricar um sujeito homossexual (FOUCAULT, 1999a), vieram o alojar neste lugar nenhum, neste não-lugar, tantas vidas e com isso interditá-las, proibi-las de certos prazeres, cerceando as possibilidades sexuais, os blog pornô gays abrem um espaço discursivo em que o sexo, o ato sexual, o corpo a corpo fabulado ganha centralidade em um modo de existir gay. Monumento vivo de um evento que salta independentemente dos roteiros estabelecidos para a sua apresentação. A nós, parece que um blog pornô gay não se trata somente de imagens de sexo explícito entre dois ou mais homens, mas também uma composição que põe as imagens para fazer sexo através da qual se torna possível o sexo com imagens.

Holocausto das fadas: o ser e o tempo do pornô gay

Nesta dança do esperma maluco, os blogs pornô gays trazem a cena de que a sociedade é um grande teatro onde cada um representa papéis, aos moldes, embora bastante reconfigurada, da análise de Richard Senett (1988). A percepção de que a história e a vida são mascaradas atrás de mascaradas, um permanente carnaval, em que o que menos importa em um blog é a identidade fixa, o nome, a verdade que se pretende ter cada um. Por mais que sejam “blogs pessoais”, a exposição imagética denuncia toda uma “personologia” (DELEUZE, 1988) da vontade de poder e, como corolário, a vontade de controle características do poder disciplinar moderno (FOUCAULT, 2004d). Não há relatos que sejam assinados por seus supostos donos, o composto de imagens torna-se impessoal, liberado da individualidade. A escrita imagética em blogs pornô gays requer a convocação para o presente de uma ausência, para a presença de um ausente, que vem se materializar no ato que se pratica, na materialidade do ato imagético que se faz, para que com tais práticas o sujeito vá desenhando. Pura encenação sem autor no qual as imagens materializam esse outro do sexo com quem se faz. Imagens demoníacas, aberrantes destituídas de semelhanças cujas realizações são talhadas em plena matéria, em plena vida, em plena realidade.

Quando, por aqui, não vale a veracidade ou o regime de autenticidade moderno de indivíduos que seriam capazes de comprovar a si mesmo, as fábulas sexo-audiovisuais,

ganham realidade enquanto aquilo que são: fábulas, imagens de imagens, apagando os sujeitos da transa em nome dos corpos em transa. O espaço aberto pelos blogs está longe de uma suposta auto-afirmação identitária do gay (ALONGE, 2010), afinal que interesse se teria postar sobre o sexo, se não fosse para atingir o sexo como estado já não humano, quer dizer, tal como jamais foi, nem é nem será vivido: um ato sexual que já não é de uma experiência pessoal, que não é o de ninguém. Corpos sem dono, afecto puro. Quem deixa um comentário junto com seu endereço de MSN de “caça”? Anônimos, sim, Mas também Márcios, Alfredos, Rafaéis, que amanhã podem ser Diegos, Rodrigos, Guilhermes. Que hoje podem vir de pedreiros ou mecânicos, com motos, com bolas fogo ou de basquete, amanhã coberto de leite, no meio da floresta ou à beira do mar.

O que mais importa, aqui, é o ato sexual, o que se pode fazer dele e com ele. É da redução da vida ao ato sexual, quando não ao membro sexual, que se pode fazer do próprio ato sexual espaço de recriação da vida. O corpo do amante é, logo, tomado por seu pênis, seu tamanho, sua textura, sua cor. Quando do contato e a exploração de outras áreas do corpo de um parceiro, começa-se notadamente pela boca e por sua parte de trás, sem que tais partes tenham um “dono” que possa dizer “isto é meu”. Aqui, não importa de quem seja, a procedência, a origem, a qualidade do pedaço de corpo que se toma ou se chupa, importa o que se pode fazer com aquilo que se é dado a ver, a chupar e a comer. Neste conjunto de imagens que se sucedem, imagens de órgãos sem corpos, de corpos sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1997), de corpos sem rostos, de rostos sem corpos, imagens do tempo intensivo do tesão, que se encadeiam, ganham velocidade, passam em um ritmo alucinante quase como uma masturbação. Literalmente, esta é uma narrativa que se tem à mão.

O prazer encontrado na composição homossexual pornográfica dos blogs bem pode ser um prazer paralelo e convergente com o prazer dado pelo ato masturbatório. Como nos diria Maurice Blanchot (1987), a solidão é fundamental para que a obra exista e se sustente sozinha. Em torno do corpo e do ato sexual que é venerado ou deglutido, a solidão vai permitir a construção da narrativa que o idolatra e o endeusa, que o pornografa. O tempo de solidão é tempo de ruminação daquilo que é fugaz, passageiro, mas absurdamente intenso (FOUCAULT, 2004e). É a solidão que permite o trabalho de narrativização, de fabulação, de inscrição do acontecimento pornográfico. Sem que tais atividades fossem convocadas, o tempo da solidão, que as narrativas visuais pornográficas de blogs abrem, tornar-se-ia um tempo morto. E é essa mesma

solidão que permite também e, muitas vezes convoca, quase obriga, a exploração solitária e solidária do corpo próprio. O sexo à disposição em imagens que estão aí para serem manipuladas pelos punhos, tanto para se tornar páginas de blogs, quanto para se tornar derramamento de sêmen.

A escrita de si e a exposição imagética em blogs pornô gays, como a masturbação, torna-se autoafecção (cf. DELEUZE, 1991), torna-se um trabalho de si sobre si mesmo forma de escrever e esculpir o si mesmo. Inteiramente regulados e normalizados por uma cultura sexual que torna o sexo algo de uma intimidade pessoal, solapando qualquer possibilidade de uma cultura sexual explicitamente pública (BERLANT; WARNER, 2002), os blogs aparecem como um espaço de invenção de si em torno do sexo que já não se encontra mais fechado em um quarto íntimo em torno de si mesmo¹⁶. Mas “esse si dos blogs pornô gay” não é absolutamente uma determinação preexistente que se encontra pronta e, agora, expõe-se na rede mundial de computadores. É construído na própria rede, neste dispositivo de virtualização pelo qual o blog é construído e se constrói, pelo qual as artes de fazer do sexo e de si no sexo são aí agenciadas. Um Si que já é uma multidão (cf. HARDT; NEGRI, 2001), multiplicidade interna e externamente exposta a uma complexa heterogênesse, penetrada por todos os lados e poros, para qual nenhum dos eus habitantes deste território chamado mim mesmo homossexual pode ascender o suficiente para, do alto de sua transcendência, para dar uma resposta categórica.

Esta intimidade escancarada em todos os sentidos na rede perde sua referência individual e particular. Nem por isso, mesmo quando solitários, “esses sis” estão sós. Esta solidão impelida pela pornografia gay exposta em blogs está sempre povoada por uma multifacetada galeria de personagens. É que, aqui, nestas relações sexuais que se inventam e, muitas vezes, que se esgotam, a cada acesso *on line*, o tempo urge e nele surge o próprio ser do ato sexual. A cada novo *post* em que uma nova chamada abre um conjunto de imagens ou vídeos disponibilizados, uma nova camada de presente se adensa. É sob o signo da urgência que se faz uma estilística da existência gay (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010). Como campo das heterotopias (cf. FOUCAULT, 2001), estes blogs, tais arquivos de palavras e imagens sexuais, sons e cores pornográficos devam ser imediatamente abertos à narrativa, sob pena de, em sua fragilidade, mal deste arquivo como diria Jacques Derrida (1991), logo vir a ser

¹⁶ O blog De Olho na Mala, por exemplo, é especializado na exibição de vídeos amadores nos quais homens comuns de masturbam em seus quartos, material que é, comumente, enviado por colaboradores do blog, além de posts especialmente dedicados aos visitantes que são regularmente convidados a enviarem fotos e vídeos do seu material.

substituído por outros. Daí que o tempo desta vida pornô gay seja mesmo um tempo saturado de agora urgentes, um tempo preguiçoso, dobrado, como diria Deleuze (1991), em que diferentes camadas de corpos, sensações, prazeres vêm se mesclarem. Pois, a coisa pornográfica tal como agenciada nos blogs gays é no mínimo duas, já é dobrada, multiplicada, antes e depois dela brotam juntos em uma tessitura que não se pode reduzir.

É no relato imagético dos corpos e atos sexuais, que estimulam e acompanham a prática da masturbação, que vários corpos e acontecimentos vêm se fundir, se misturar. Assim a fabulação, a narrativa onírica, imaginativa, que aí se estabelece, pode, sim, seguir uma visão cronológica, linear, evolutiva. Os blogs não deixam de avisar o dia e a hora que se entra *on line*, nem deixam de organizar as postagens em ordem cronológica, mas aí também podem se sobrepor temporalidades, acontecimentos. Cada *post* tem uma palavra-chave (*tags*) que carrega a outros *posts* indefinidamente, multiplicando as cavernas embaralhando pessoas, rostos, corpos, órgãos sexuais, produzindo corpos plissados, frankensteinianos, monstruosos, kafka-pornô. É, claro, que, aqui, não deixaria de existir toda argumentação que pusesse tal dinâmica temporal blogueira como mais uma das tecnologias da cronopolítica contemporânea em que coincidem velocidade e inércia, instantaneidade e imobilidade, abolição do tempo e espaço em favor de um vetor de velocidade desmaterializante (PELBART, 1989). A fúria e a velocidade nunca antes vistas do capitalismo, com a qual a pornografia nunca deixou de flertar, teria uma capacidade de capturar e vender “modos de ser” que ficam rapidamente obsoletos e após serem consumidos devem ser descartados e substituídos a toda velocidade por outros, sempre desenhados sob o imperativo do gozo constante e do sucesso eminentemente visíveis (ROLNIK, 1997).

Não estamos negando tal argumentação, a questão que fica é quando vimos ou veremos investimentos sobre um modo de existir em torno do ato sexual gay? Como dar ao sexo gay credenciais para sustentar um modo ser, ele quem tem carregado o estigma do imoral e do promíscuo? Para este mundo em que houve uma compreensão espaço-temporal (HARVEY, 1989), construir um espaço em que a pornografia gay ganha um espaço de mediação, como os blogs, não deixa de soar como um estranho obstáculo. Em um mundo que o próprio ato sexual gay torna-se um interdito¹⁷, tal espaço torna-se ainda mais fugaz e passageiro. O argumento pode parecer até despropositado, mas se a lógica cultural da biopolítica contemporânea é tornar os corpos absolutamente rentáveis,

¹⁷ Vide, por exemplo, as polêmicas recentes em torno da exibição de beijos gays na mídia televisiva brasileira.

construir uma vida em torno do corpo a corpo do ato sexual gay já é desperdiçar tempo e energia. Pois, aqui, o sexo não está submetido ao tempo, a composição dos blogs pornôis gays libera um tempo próprio do sexo, um tempo da cópula homossexual.

Não parecer ser à toa que aos corpos heterossexuais seriam disponibilizados mais discursos em torno da corte, da temporalidade da conquista que dariam a relação heterossexual sua duração no tempo (FOUCAULT, 2004a) e, ao mesmo tempo, sua rentabilidade temporal. É somente sob a urgência da fricção que o gay pode deixar advir o momento da ficção e da fricção. É somente usando com máxima intensidade, explorando com todo vigor o arquivo visual que se oferece à suas carícias, que o homossexual pode explorar todos os detalhes da existência, inventar a si e ao mundo. Aqui, não resta outra opção que não o sexo. O ato sexual torna-se o lugar fábula, quando os outros espaços são aos gays vetados. É preciso não só levar o amante para o ato sexual antes que a família chegue ou saiba, mas também antes que o blog seja suspenso do ar por violação dos códigos de conduta¹⁸. Quando se trata da realização de atos sexuais fora da norma, os blogs pornôis tornam-se o lugar da maximização do uso do tempo, uma maximização que inclui deter-se no tempo da fábula¹⁹ para uma aceleração do tempo do sexo e no sexo que acaba por torná-lo fugaz, o que quer dizer em certa medida, frágil e débil, uma compressão temporal que cria um outro tempo para a fábula do sexo gay, para este conto de “fodas” neste holocausto das fadas.

Gozar à meia luz

Por mais que a indústria pornográfica despeje, por dia, no mercado audiovisual inúmeros títulos coadunados oferecendo belos corpos, belas transas, legitimando performances de gênero, sexualidades estanques, categorias estas que possibilitariam ao consumidor acesso à praticas sadias e satisfatórias, não podemos deixar fora a lógica dos usos na qual tais os blogs gays parecem se inscrever quando mediam a relação com o pornográfico. Aqui, um estilo de vida foge e constrói todo um território de subjetividades a partir do próprio território sexual, uma estilística de viver que se ergue com a pornografia gay, no modo pelo qual os blogs a usam e se compõem. Articulados em torno dessa temporalidade específica dos encontros homoafetivos, nos quais o instantâneo, o fugaz, o urgente são seus marcadores, de uma vivência da solidão, e

¹⁸ Durante a investigação os blogs precisaram trocar de endereço ao menos duas vezes sob a acusação de violação dos códigos de conduta dos servidores.

¹⁹ Os gerenciadores dos blogs reclamam com frequência da dificuldade de atualizar os blogs com regularidade, do tempo gasto para pesquisar, compactar e organizar as imagens em *posts*.

apoiados sob a estimulação da faculdade imaginativa, os roteiros sexuais trazem à cena politicamente correta a potência discursiva do pornográfico.

A alcunha de pornografia não deixa de soar como a busca de um gozo marginalizado (SOTAG, 1987). A existência gay não deixa de ser ao seu modo uma existência pornográfica quando se faz tão incômoda a vida cultural do Ocidente. Afinal, o pornográfico só consegue mesmo escandalizar quando deixa de obedecer a regras e convenções de um gênero menor, perturbando a zona de tolerância que cada cultura reserva às fabulações do sexo (MOARES, 2004). Talvez não se trate mais de cercear a pornografia gay, de limpar seu lugar barato e de sarjeta, mas trazê-la para a arena cultural, dar-lhe centralidade na constituição de nossas vidas, explorar a potência contida em um ato sexual subversivo como é cópula gay que põe dois machos a gozar. Quiçá concordar com Michael Mafessoli (2007), que tais configurações do pornográfico gay nos blogs se tratam da revanche do “dionisíaco”, não como uma vingança programada ou uma revolução carnavalesca de bandeiras, mas de uma invenção da vida sexual cotidiana na qual as práticas pornográficas homossexuais constituem uma declaração de guerra aos individualismos e substancialismos que marcaram e marcam as subjetividades ocidentais, pisoteando, no alto seu êxtase sexual, o esperma do qual fomos feitos.

Não seria essa uma das funções do pornográfico? Não só de fazer toda uma sintomatologia do presente, mas também o denegar o real, para suspendê-lo e estranhá-lo (DELEUZE, 2009), o real dos sonhos e da vida, dos corpos e do sexo, da loucura e da paixão? A nós, parece que a pornografia gay existe mesmo para nada esconder. Se, a pornografia pode ser tomada como “a excitação sexual de seu público como única motivação e um fim em si mesma” (LEITE, 2006, p.45), é justamente porque o pornô gay não dispõe de um senhor de si mesmo. Espartilhando corpos e apagando sujeitos, os blogs pornôs gays investigados tornam-se agentes e sinais de um mundo que jaz explodido em cacos. Não se constitui no reflexo ou no avesso deformado de algo latente que, de algum modo, se encontra escondido sob sua superfície. Suas imagens já não servem mais para esconder um rosto, pois este nem mesmo existe. Suas imagens sexuais já não são nem mais disfarces ou meros adereços que, uma vez utilizados, poder-se-iam simplesmente ser descartados quando cumprida sua função de gozo. Colam nas peles e corpos, *monalissas* sem segredos, *bricoleur*, desejanter, esperançosas — súditas do Tempo e do Sexo, do tempo do sexo, do tempo do gozo. *Gay*, *viado*, *baitola*, *bicha*,

*homossexual, biba, frutinha, boiola, bichona, pederasta, sodomita*²⁰ ... *Drag queens* da vida, mesmo quando de cara limpa, corpo nu e pênis ereto.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. Amores que não tem tempo: Michael Foucault e as reflexões acerca de uma existência de uma estética homossexual. **Revista Aulas**, n. 7, 2010.

ALONGE, W. Homossociabilidade midiática: do silenciamento aos relatos íntimos da auto-afirmação identitária em blogs gays. **Bágoas: estudos gays, gêneros e sexualidades**. v.1, n.1, jul./dez. 2007

ATTWOOD, F. Sexed up: Theorizing the sexualization of culture. **Sexualities**, v. 9, n. 77, 2006, p. 77-94.

BARTHES, R. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERLANT, L.; WARNER, M. Sexo en público. In: JIMENEZ, R. M. **Sexualidades transgressoras: uma antología de estúdios queer**. Barcelona: Icaria, 2002.

BLANCHOT, M. **O Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BUTLER, J. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, n. 21, 2003.

CICLITIRA, K. Pornography, women and feminism: between pleasure and politics. **Sexualities**, v. 7, n. 3, 2004, p. 281-301.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed 34, 1999.

_____. **A dobra: Leibniz e o barraco**. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. **Sacher-masoch: o frio e o cruel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997. v.3.

DERRIDA, J. **Mal de Arquivo**. São Paulo: Relume-Dumará, 2001.

DYER, R. Coming to terms: Gay pornography. In: DYER, R. (org.) **Only entertainment**. London: Routledge, 1992. p. 121-134.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999a.

²⁰ Disponível em: <http://volupiaoblog.blogspot.com/#ixzz1IR11wO22>. Acesso em maio de 2009.

- _____. **História da Sexualidade:** a vontade de saber. Petrópolis: Vozes, 1999b.
- _____. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. O Ato sexual, escolha sexual. In: MOTTA, Manuel Barros. (org.). **Ditos e Escritos.** Vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a, pp. 110-119.
- _____. O Triunfo Social do Prazer Sexual: uma conversação com Michel Foucault. In: MOTTA, M. B. (org.). **Ditos e Escritos.** Vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b, pp. 119-125.
- _____. Verdade, Poder e Si Mesmo. In: MOTTA, Manuel Barros. (org.). **Ditos e Escritos.** Vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c.
- _____. Sexualidade e Política. In: MOTTA, Manuel Barros. (org.). **Ditos e Escritos.** Vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004d.
- _____. Sexualidade e Solidão. In: MOTTA, Manuel Barros. (org.). **Ditos e Escritos.** Vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004e. p. 92-103.
- _____. Outros Espaços. In: MOTTA, Manuel Barros. (org.). **Ditos e Escritos.** Vol III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FREIRE, J. Prazeres desprezados: a pornografia, seus consumidores e seus detratores. **Lugar comum:** Estudos de mídia, cultura e democracia. Rio de Janeiro, NEPCOM/UFRJ, n. 12, 2000. p. 65-86.
- GUIMARAES J. R. De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line. **Horizontes antropológicos,** jan/jun 2004, vol.10, n. p.123-154.
- _____. **Vivendo no Palace:** Etnografia de um ambiente de sociabilidade no Ciberespaço. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba, 2000.
- HARAWAY, D. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In: HARAWAY, D. (org.). **Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature.** New York: Routledge, 1991. p.149-181.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.
- HINE, C. **Etnografía Virtual.** Barcelona: Editorial UOC, 2004.
- LEITE, J. **Das maravilhas e prodígios sexuais:** a pornografia bizarra como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.
- MAFESOLLI, M. Homossocialidade: da identidade às identificações. **Bágoas:** estudos gays, gêneros e sexualidades. v.1, n.1, jul./dez. 2007.
- MARTINS, J.; MALANI, F. Blogs gays: expressão e subjetividade. **III Simpósio Nacional ABCiber,** São Paulo, novembro de 2009

MCNAIR, B. **Mediated sex**. London: Arnold, 1996.

MENDONÇA, C. M. C. Beleza pura: a estetização da vida cotidiana como estratégia de resistência para o homossexual masculino. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 17 n. 2, maio/agosto 2010. p. 118 – 127.

MORAES, E. O efeito obsceno. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, n. 20, 2003. p. 121-130.

MORTON, D. El nacimiento de lo ciberqueer. In: JIMENEZ, R. M. **Sexualidades transgressoras: uma antología de estúdios queer**. Barcelona: Icaria, 2002.

OGIEN, R. **La liberté d’offenser: le sexe, l’art et la morale**. Paris: La Musardine, 2007.

PINTO, P. NOGUEIRA, M. C.; OLIVEIRA, J. M. Debates feministas sobre pornografia: estéticas e ideologias da sexualização. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 23, n. 2, 2010, p. 374-383.

PELBART, P. P. **A nau do tempo rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PRECIADO, B. Multitudes Queer: notas para una política de los “anormales”. **Multitudes**, 12, 2004. Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/spip.php?article1465>. Acesso em agost. 2010.

_____. **Testo Yonqui**. Espanha: Espasa, 2008.

REGES, M. **Brazilian Boys: corporalidades masculinas em filmes pornográficos de temática homoerótica**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba, 2004.

RICOUER, P. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (org.). **Cadernos de Subjetividade**. Campinas: Papyrus, 1997.

RUBIN, G. S. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: NARDI, Peter; SCHENEIDER, B. **Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies**. London and New York: Routledge, 1998.

SEDGWICK, E. K. **Epistemología del armário**. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SIBILIA, P. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre os fenômenos dos blogs. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, jan./jun. 2005. p. 35-51.

SONTAG, S. **A vontade radical**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.